Tienen la fuerza, podrán avasallarnos, pero no se detienen los procesos sociales ni con el crimen... ni con la fuerza. La historia es nuestra y la hacen los pueblos – Salvador Allende, 11 de setembro de 1973.

A reestruturação político-econômica pela qual o mundo passa desde a última década vem realinhando as zonas de influência das duas maiores potências mundiais. A China, que vem mudando o padrão de seu desenvolvimento econômico de extensivo para intensivo, ou seja, da urbanização e da indústria de exportação para o aumento do consumo interno de bens e de serviços improdutivos (saúde, educação, cultura, etc.), segue avançando como maior parceiro comercial do planeta e na criação de alianças político-econômicas com países do sul-global. Já os Estados Unidos, que até a reeleição de Donald Trump buscava impor limitadas restrições a empresas chinesas e sustentar seu domínio na OTAN com o apoio à extrema direita ucraniana e sionista, agora reencena uma truncada Doutrina Monroe a partir do desfinanciamento dos conflitos inflamados por Zelensky e Netanyahu e da manutenção da aposta em uma já perdida guerra tarifária – que objetivava a reindustrialização do país mas que resultou apenas em um aumento da inflação e, por conseguinte, da insatisfação da população face ao governo.

No entanto, a “novantiga” *América para os americanos* vem contribuindo no crescimento de questões que já vinham se manifestando nas franjas do capitalismo dependente latino-americano desde início da década passada. Dessas, a mais flagrante é a intensificação da tônica fascista nos discursos dentro e fora da institucionalidade, principalmente por meio virtual, alimentada desde a estrutura algorítmica em que estão fundadas as redes sociais, e que vem cobrindo de pretensa legitimidade a violência sistemática e brutal perpetrada cotidianamente contra grupos minoritários. Tal situação não apenas afeta diretamente quem encontra-se envolvido(a/e) em episódios muitas vezes fatais, mas também cobre a sociedade de um véu de constante insegurança que retroalimenta lógica nefasta do fascismo.

Na história da América Latina abundam as tentativas de, por meio do desenvolvimento socioeconômico, construir sociedades mais justas. Uma dessas experiências, que se dedicou a esse objetivo sem uma anterior revolução armada, foi a via chilena de Salvador Allende, entre 1970 e 1973. Seu governo, formado pela Unidad Popular – uma coalização entre o Partido Socialista e o Partido Comunista, além de outros minoritários na esquerda da época –, nacionalizou as minas de cobre (principal *commodity* do país até hoje), construiu 120.000 habitações populares, devolveu e demarcou terras à população mapuche por meio da Lei nº 17.729/1972, além de ter obtido outras conquistas na área da educação, da saúde e da valorização do salário e do poder de compra da classe trabalhadora. Contudo, apesar da grande participação popular que marcou o período, tanto as limitações do próprio modelo de governo adotado, quanto a série crescente de sabotagens às estruturas produtivas e políticas, comprovadamente financiadas pelo governo Nixon e orquestradas por parte das forças armadas chilenas, levaram ao golpe de 11 de setembro de 1973, ao bombardeio do Palacio de la Moneda, à morte de

Allende e aos 17 anos da ditadura neoliberal e sangrenta de Augusto Pinochet.

Quais foram os acertos e os erros de Allende e de outras lutas do gênero? Que papel exerce o Direito frente à crescente fascistização? Como a Academia pode contribuir na criação de um mundo melhor? Na presente edição, Volume 9, Número 1 da Revista *Avant*, estão presentes não apenas importantes contribuições ao conhecimento jurídico desde sua vertente mais técnica e processual, como também trabalhos que costuraram tais temas com vida vivida, com questões que atravessam toda a infinita complexidade das relações sociais e que impactam diretamente o ontem, o hoje e o amanhã de inúmeras pessoas.

O número é resultado da consolidação dos esforços de autores(as) do Brasil inteiro, e conta com 29 trabalhos que passaram pelo fluxo editorial da Revista, além de outras quatro, decorrentes da parceria firmada entre a *Avant* e a XXVI Semana Jurídica UFSC, promovida pelo Centro Acadêmico XI de Fevereiro¹, totalizando 33 publicações. Além de artigos científicos, críticas à jurisprudência e resumos de monografia e de livros acadêmicos, também estão disponíveis para leitura poemas/poesias, comunicações de práticas de extensão e uma resenha de produção artística, enviadas por autores(as) de universidades públicas, federais e estaduais, privadas e comunitárias das regiões nordeste, centro-oeste, sudeste e sul do Brasil.

Agradecemos todos(as/es) que enviaram suas obras, à Banca Avaliadora da Revista – dezenas de pareceristas de todas as regiões do país, que indicaram críticas e sugestões e que possibilitaram uma ainda mais alta qualidade das publicações dessa edição – e a toda a Equipe Editorial, que aceitou a hercúlea tarefa de tornar real mais um fascículo da *Avant*. Também agradecemos ao Centro Acadêmico XI de Fevereiro, pela que esperamos ser a primeira de inúmeras outras frutíferas colaborações, a Lumpen, ilustrador e cartunista espanhol, que gentilmente nos cedeu permissão para utilizar sua peça intitulada *Allende* na capa desta edição, e, derradeiramente, a cada brasileiro(a/e) pelo sangue, suor e lágrimas que permitiram a existência da universidade no país e, conseqüentemente, das estruturas que permitem a concretização deste projeto.

Neste 1º de maio, desejamos a todos(as/es) uma excelente leitura!

CHRISTIAN SOUZA PIONER
MILENA OVÍDIO VALOURA

¹ Os trabalhos publicados em virtude dessa parceria foram avaliados em apartado pela equipe da XVII Semana Jurídica da UFSC, de forma que os métodos de avaliação, a banca avaliadora e o currículo dos autores não passaram pelos exatos critérios dispostos em nossas Diretrizes.